

Comunicação breve

Contágios

Brief communication

Contagions

Comunicación breve

Contagios

Jaime Nogueira Pinto¹

Resumo

A história da humanidade narra sucessivas pestes que assolaram diferentes espaços geográficos, semeando sempre a morte entre as populações, dizimando milhares de pessoas. Sabemo-lo graças aos escritos de figuras históricas que relataram estes longos períodos de infecção, contágio e morte pelo menos desde o século V a.C., em que terá eclodido a primeira peste no continente europeu, conhecida como Peste de Atenas. Ao longo dos séculos que se seguiram, há relatos de reaparecimentos da peste, que proliferaram nas grandes cidades de então. Mais recentemente, o século XX, embora caracterizado pelo desenvolvimento de uma panóplia de medicamentos cada vez mais eficazes, não deixa de ser palco do surgimento de novas epidemias. O presente século XXI, é já indelevelmente marcado pela pandemia da COVID-19. Não obstante os destacados progressos das biotecnologias, as constantes mutações do vírus SARS-CoV-2 e inevitáveis incertezas advenientes colocam-nos numa posição análoga à dos nossos antepassados ignorantes relativamente às pestes que os assolavam.

Palavras-chave

Contágio. Peste. História.

Abstract

The history of humanity narrates successive plagues that have struck different geographical areas, always sowing death among the populations, decimating thousands of people. We know this thanks to the writings of historical figures who have reported these long periods of infection, contagion and death since at least the 5th century b.C., when the first plague on the European continent, known as the Athens Plague, broke out. Over the centuries that followed, there are reports of plague reappearances, striking the great cities of that time. More recently, the 20th century, although characterized by the development of a panoply of increasingly effective drugs, is still the stage for the emergence of new epidemics. The present 21st century is already indelibly marked by the COVID-19 pandemic. Despite the remarkable advances in biotechnology, the constant mutations of the SARS-CoV-2 virus and inevitable uncertainties arising from it puts us in a position analogous to that of our ignorant ancestors regarding plagues that plagued them.

Keywords

Contagion. Plague. History.

¹ Doutor em Ciência Política; Presidente do Conselho de Administração da Fundação Luso-Africana para a Cultura, Lisboa, Portugal. E-mail: jaimenpinto@gmail.com

Resumen

La historia de la humanidad narra sucesivas plagas que han azotado diferentes áreas geográficas, siempre sembrando la muerte entre las poblaciones, diezmando a miles de personas. Lo sabemos gracias a los escritos de personajes históricos que han informado de estos largos períodos de infección, contagio y muerte desde al menos el siglo V a.C., cuando estalló la primera plaga en el continente europeo, conocida como la Peste de Atenas. A lo largo de los siglos que siguieron, hubo informes de reapariciones de la plaga, golpeando las grandes ciudades de esa época. Más recientemente, el siglo XX, aunque se caracterizó por el desarrollo de una panoplia de medicamentos cada vez más eficaces, sigue siendo el escenario para la aparición de nuevas epidemias. El presente siglo XXI ya está marcado de forma indeleble por la pandemia de COVID-19. A pesar de los notables avances en biotecnología, las constantes mutaciones del virus SARS-CoV-2 y las inevitables incertidumbres que derivan de él, nos colocan en una situación análoga a la de nuestros antepasados ignorantes respecto a las plagas que los asolaron.

Palabras clave

Contagio. Peste. Historia.

As pestes, como as guerras e as fomes, devastaram a Europa durante séculos (1). E, como nas magníficas e aterradoras alegorias de Dürer (a começar nos *Quatro Cavaleiros do Apocalipse*, de 1498), trouxeram sempre com elas a morte.

Dürer inspirou-se no Apocalipse de S. João: a Bíblia é farta em narrativas de pestes que ora castigam, ora salvam o povo de Israel. Isto porque umas vezes – como na Peste de David – caem sobre o povo de Deus que peca contra o Senhor, outras caem sobre os inimigos do povo de Deus – egípcios, assírios, caldeus, persas – e devastam as suas terras ou os seus campos de guerra. Sempre que passava o “Anjo do Senhor” todos os inimigos, desde os primogénitos do Egipto até aos guerreiros de Senaqueribe, eram atingidos pela cólera ou pela própria peste bubónica – a dos ratos.

A primeira peste histórica da área europeia de que há notícia é a Peste de Atenas, descrita por Tucídides na *História da Guerra do Peloponeso* (2) com grande rigor, quanto ao tempo, ao modo, aos sintomas, às vítimas. A peste avassalou Atenas no princípio da guerra, com a cidade cercada pelos espartanos, e matou o mais ilustre dos atenienses, Péricles, em 429 a.C.. Como Péricles era o cidadão nº1 de Atenas, e como Atenas, também pela conduta política desastrosa de alguns dirigentes, acabou por perder a guerra, 26 anos depois, podemos atribuir à praga alguma responsabilidade na história.

O Império Romano é assolado pela mesma peste bubónica, a transmitida pelos ratos; ou melhor, pelas pulgas dos ratos. Estas pragas, conhecidas ora pelo nome do imperador reinante ora pelo nome do seu narrador (por isso a Peste Antonina também é chamada Peste de Galeno) eram muitas vezes espalhadas pelas forças militares, pelas legiões, nas suas

deslocações através do Império. Será uma constante histórica, esta disseminação viral pelas tropas em operações. Galeno, uma sumidade médica do tempo, autor de *Methodus Medendi* (3), um livro de terapêuticas, descreveu a Peste Antonina como Tucídides descrevera a Peste de Atenas. Segundo o diagnóstico paleopatológico de William McNeill, autor de *Plagues and Peoples* (4), a Peste Antonina teria sido varíola e a de S. Cipriano, outra importante peste do tempo, sarampo.

Nos meados do século VI, Constantinopla foi atacada pela primeira pandemia, a Peste de Justiniano, que apanhou todo o Mediterrâneo e o Médio Oriente e matou muita gente no Império Bizantino e no Império Sassânida. Muitos historiadores consideram que a quebra demográfica entre bizantinos e persas facilitou, um século depois, a conquista de parte destes impérios pelos Árabes de Maomé e dos Califas. A Peste de Justiniano é causada pela bactéria *Yersinia Pestis*, transmitida pelas pulgas dos ratos; pulgas que, mortos os ratos, passavam para os humanos.

E é esta *Yersinia Pestis*, que vai reaparecer na Europa no século XIV, por volta de 1347-1348, e matar muitos milhões de Europeus. Os infectados ficam escuros, os gânglios, os bubões ou tumores invadem-lhes os corpos e matam depressa. O contágio é fácil e rápido, a Europa Cristã é dizimada e os teólogos e os filósofos perguntam-se: como é que um Deus bom permite ou manda tais horrores? Bocaccio e Chaucer deixam livros famosos sobre a peste; e a Peste Negra acelera o fim do feudalismo, já que mata mais trabalhadores e servos da gleba que proprietários e senhores feudais; a partir da redução do número de activos nos campos – e por causa dela – torna o trabalho mais caro e obriga os senhores a dar melhores condições, incluindo a liberdade de movimentos, aos ditos “servos da gleba”.

Embora o pico da Peste Negra tenha ocorrido entre 1348 e 1351, a verdade é que ela vai persistir nos séculos seguintes, assolando as grandes cidades – Paris, Londres, Sevilha, Lisboa; alguns destes surtos mais violentos ficarão célebres, como a Peste de Sevilha e a Grande Peste de Londres de 1665, registada nos diários de Samuel Pepys (5). Os grandes escritores – como Montaigne e Shakespeare – não deixaram de se ocupar com o fenómeno, quer em textos de tipo “memórias” ou “diário” (como os *Ensaios* de Montaigne (6)), quer em obras de ficção – como fez Shakespeare no *Romeu e Julieta* (7), onde o desfecho trágico resulta da impossibilidade de um mensageiro chegar a Romeu para o prevenir do estratagema da morte simulada de Julieta por ter ficado retido em Verona, de quarentena, por causa da peste.

Mas a última grande peste bubónica na Europa Ocidental é a de Marselha em 1720. E a peste bubónica, por que desapareceu? A tese mais credível parece ser a de que a Peste acabou quando os ratos deixaram de morrer por se tornaram imunes às pulgas transmissoras da epidemia – que assim deixaram de ter de trocar de hospedeiro.

Ainda houve recorrência da peste na Rússia, em Moscovo, nos finais do século XVIII. Um novo surto da epidemia atingiu os exércitos de Napoleão, sobretudo a Grande Armée na invasão da Rússia, que terá perdido cerca de 100 mil homens por causa do Tifo.

A grande epidemia do século XIX, imortalizada pelos românticos, é a tuberculose, que ficaria conhecida como “a peste branca”. Dickens, Victor Hugo, Alexandre Dumas (filho), entre outros, e mais tarde Thomas Mann, em *A Montanha Mágica* (8), imortalizaram na ficção personagens, heróis e heroínas, cujas histórias e destinos são marcados ou decididos pela tuberculose.

Depois, há pouco mais de cem anos, caiu sobre a Europa em guerra a última pandemia – a Pneumónica. Ao contrário das suas antecessoras, que vinham geralmente do Oriente Extremo, da China e pelo Médio Oriente chegavam à Europa, a Pneumónica ou Gripe Espanhola (que não tinha nada a ver com Espanha), parece ter vindo do Kansas, de um campo militar de treino do Exército, e chegado à Europa com os soldados norte-americanos na primavera de 1918. Atacou imparcialmente os alemães e os aliados, amainou no verão, mas teve um segundo surto muito mais agressivo no Outono-Inverno de 1918-1919. Em Portugal, matou quase 140 mil pessoas, numa população de seis milhões. Na Europa e nos Estados Unidos matou cerca de três milhões de pessoas.

Durante o século XX, descobriu-se o tratamento para a tuberculose e os antibióticos. Mas as novas epidemias, como a poliomielite nos anos 40 e 50 na América, e depois a SIDA, já no final do século XX, atacando na Europa e nos Estados Unidos grupos de risco – como os homossexuais e os consumidores de droga – e que passou a tratar-se graças aos antirretrovirais, lançaram novos e misteriosos ataques aos humanos.

Agora, perante a COVID-19, os que nos sentimos seguros com a Ciência, como os Antigos com os deuses, vemos os cientistas tão divididos sobre as estirpes e os caminhos do vírus como os teólogos bizantinos sobre a orientação sexual dos anjos, e os governos que esperam deles a luz e a base exculpatória das boas práticas, também erráticos e errando no dia-a-dia, em navegação à vista.



Referências

1. Nogueira Pinto J. Contágios. 2500 Anos de Pestes. Lisboa: Dom Quixote; 2020.
2. Tucídides. História da Guerra do Peloponeso. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; 2013.
3. Galen. Method of Medicine. Volume I, Books 1-4. Loeb Classical Library, 516. Cambridge, MA; London: Harvard University Press; 2011.
4. McNeill W. Plagues and Peoples. New York: Anchor Books; 1976.
5. Pepys S. The Diary of Samuel Pepys. HarperCollins Publishers; 1998.
6. Montaigne. Ensaios – Antologias. Lisboa: Relógio D'Água; 2016.
7. Shakespeare W. Romeu e Julieta. Lisboa: Relógio D'Água; 2013.
8. Mann T. A Montanha Mágica. Lisboa: Dom Quixote; 2008.

Submetido em: 28/03/2021

Aprovado em: 03/05/2021

Como citar este artigo

Nogueira Pinto J. Contágios. Cadernos Ibero-Americanos de Direito Sanitário. 2021 abr./jun.;10(2):253-257.

<https://doi.org/10.17566/ciads.v10i2.792>